



## A PRINCESA E O PRÍNCIPE LEBRE

Conto popular espanhol

Era uma vez um homem que, caminhando pelas ruas de uma cidade com um cesto das mais belas flores, ia apregoando:

"Quem quer comprar dores? Quem quer comprar tristezas?" Todos os que ouviam riam dele e ninguém comprava suas flores, apesar de serem muito belas. Pois quem iria querer comprar dores e tristezas se já tem suficiente no mundo?

Mas isso não preocupava ao homem que continuava caminhando pelas ruas oferecendo sua mercadoria:

"Quem quer comprar dores?, Quem quer comprar tristezas?"

Desta maneira, o estranho vendedor passou diante do palácio do rei. A princesa ouviu gritar e, cheia de curiosidade, olhou pela janela. Quando viu as belas flores no cesto, decidiu que devia tê-las e o chamou:

"Espere um momento bom homem, eu comprarei suas flores!" Jogou-lhe uma moeda de ouro e mandou sua dama de companhia buscar as flores. Eram realmente belas e ninguém no palácio jamais havia visto flores assim. Inclusive o jardineiro real sacudia a cabeça maravilhado, enquanto as plantava cuidadosamente no jardim.

A princesa estava tão encantada com elas que ficou todo o longo dia no jardim admirando-as. Na manhã seguinte, quando voltou com a sua dama de companhia ao jardim, viu uma lebre branca sair do meio das flores, e era tão encantadora que a princesa ansiava tê-la para si e disse à sua dama:

"Rápido, caça ela para mim!"

Mas o encantador animalzinho veio correndo até ela por ele mesmo. A princesa amarrou uma fita em volta do seu pescoço para que não pudesse fugir e foi passeando com a lebre por todo o jardim. Quando voltaram ao castelo, a princesa estava cansada por causa do passeio e a lebre se soltou desaparecendo com a linda fita.

Indignada estava a princesa por ter perdido sua linda fita e ainda mais desesperada por ter perdido a sua lebre. Estava tão desesperada que não dormiu nem um pouquinho nessa noite, por causa da tristeza. Na manhã seguinte, voltou a

passar com a sua dama pelo jardim para ver as flores; e eis que veio a lebre saltando novamente por entre as flores.

Não necessitaram pegá-la, ela se aproximou por ela mesma. A princesa amarrou seu lencinho de seda ao redor do seu pescoço de jeito que não pudesse fugir e depois foi passear com a lebre por todo o jardim. Mas no caminho, voltando ao palácio, a lebre se libertou de novo, desaparecendo com o lencinho de seda.

A princesa estava indignada por ter perdido seu lindo lencinho, e mais desesperada ainda por ter perdido sua lebre. De pena, não fechou os olhos a noite toda. Na manhã seguinte, foi direto com sua dama ao jardim e mais uma vez a lebre saiu saltando por entre as flores. Mais uma vez se aproximou da princesa por ela mesma.

Desta vez ela colocou seu cinto ao redor do pescoço de forma que não pudesse escapar e esteve o dia todo passeando com a lebre. Voltavam ao castelo quando já estava ficando tarde; então a lebre se soltou novamente e desapareceu com o cinto. A princesa estava indignada por ter perdido seu cinto, porém mais desesperada estava por ter perdido sua lebre e, mais uma vez, não conseguiu dormir nem um minuto em toda a noite, de tanta tristeza.

No quarto dia, a princesa se sentiu doente pelo grande desejo de ter com ela a lebre. Sentia-se tão fraca e deprimida que não podia se levantar da sua cama. Então percebeu quanta dor e tristeza havia comprado com aquelas flores. A princesa permaneceu doente na sua cama; os mais famosos médicos vieram e a examinaram. Depois de longas consultas, todos concordavam de que nenhum mal físico atingia a princesa, mas sua alma estava doente de saudades. Eles indicaram passeios, distrações, canções e danças para que pudesse esquecer a lebre branca. De longe e de perto vinham músicos, cantores e contadores de histórias e, em pouco tempo o castelo era como uma feira. Mas toda essa folia, todas as distrações, todos os contos e histórias contadas não puderam ajudar a princesa. Ali estava ela pálida e triste no meio de suas almofadas. Olhava com ansiedade à distância, como se estivesse esperando alguém.

Naquele tempo, duas irmãs anciãs viviam num pobre campo e, certo dia, ouviram falar da estranha doença da princesa. Uma das irmãs falou para a outra:

"Que pensas irmã? Não deveria eu ir ao palácio e animar um pouco a princesa? Talvez ela se anime se eu conto a ela um conto de fadas".

"É, acredito que a princesa está justo esperando a ti e teus contos de fadas. Todos vão rir de ti", respondeu sua irmã.

Mas isto não incomodou em nada a outra irmã e ela pensou que devia tentar. Assim, pegou um pedaço de pão e um pouco de peixe assado, colocou num lenço e saiu. Era longo o caminho até a cidade e a velha, cujas forças não eram mais como quando era jovem, tinha que descansar de tanto em tanto. Sentava-se sob a sombra de uma árvore, de preferência sobre uma pedra de moinho, ao lado do caminho. Uma vez estando sentada em uma dessas pedras de moinho, algo muito estranho aconteceu, pois justo quando se levantava para continuar seu caminho, de repente

abriu-se o chão e na sua frente apareceu um burro com dois alforjes de ouro sobre seu lombo. O burro era conduzido por duas mãos que levavam as rédeas, mas não se via ninguém.

A velhinha ficou com a boca aberta, muito assustada, pois tais coisas nunca haviam acontecido em nenhum conto de fadas que ela conhecesse - e eram muitos. Por ser curiosa e querer saber o que era aquilo, decidiu esperar que o burro voltasse. Esse não tardou muito em regressar. Então a anciã se agarrou firmemente a um dos alforjes e, assim, foi com o burro para baixo da terra. No início, tudo era escuro ao redor dela, mas logo viu um campo brilhando à luz do sol, e no campo se erguia um magnífico palácio. E foi para lá que foram.

Na primeira habitação do palácio, havia uma mesa preparada e, quando a velhinha entrou e se sentou, uma mão colocou sopa no seu prato, outra mão colocou carne assada na sua frente e uma terceira serviu-lhe vinho, sem que ela pudesse ver de quem eram aquelas mãos. Quando já havia comido suficiente, foi até a habitação ao lado e viu que ali havia uma cama branca preparada. Uma mão ajeitou os travesseiros, uma segunda abriu o lençol e uma terceira lhe deu uma vela. Fora das mãos não se via uma pessoa. A anciã deitou na cama e dormiu profundamente.

Na manhã seguinte, bem cedo, se levantou e novamente viu algo estranho: do jardim veio correndo uma lebre branca e pulou dentro de um tanque com água que estava num canto da sala. Quando a criatura saiu do tanque não era mais uma lebre, mas um jovem e belo príncipe. Este ficou na frente do espelho, pegou um pente e começou a pentear os cabelos, falando com uma voz bem triste:

"Oh espelho! Podes me mostrar quem está com tanta tristeza por minha culpa?" Então o jovem novamente pulou no tanque e saiu, de novo, como uma lebre branca.

A anciã, assustada, só ficou sacudindo a cabeça por um longo tempo. Depois voltou à mesma habitação, teve um belo desjejum e ficou esperando que aparecesse o burro e fossem para cima novamente. Então se pendurou num dos alforjes e, em poucos minutos, estava de novo ao lado da pedra do moinho, no caminho que conduzia a cidade.

Uma vez no caminho, foi direto ao palácio e disse aos guardas que queria alegrar a princesa com seus contos de fadas.

"Ela nunca ouviu uma história como a que eu vou lhe contar", afirmou a anciã. "Bem, então vá e tente", disse o chefe dos guardas e a deixou entrar.

Nesses tempos, os pensamentos da princesa não estavam para contos de fadas. Deitada na sua cama, dando as costas, nem sequer agradeceu à boa mulher os cumprimentos. Mas a velhinha não estava nada incomodada com isto e começou a contar seu conto.

Falou-lhe de como ela vinha caminhando para a cidade e estava sentada numa pedra de moinho quando de repente a terra se abriu; e contou como havia ido com o burro para baixo diretamente a um palácio subterrâneo e que ai, "tu não vais crer nisto!", e contou que tinha visto uma lebre branca.

Assim que a anciã falou na lebre a princesa ficou alegre, levantou a cabeça e quis logo saber o que aconteceu depois. Assim, a anciã teve que continuar contando sobre a lebre que tinha pulado num tanque com água, transformando-se num jovem e belo príncipe.

"Eu quero ver isso com meus próprios olhos", exclamou a princesa e pulou da cama como se nada tivesse acontecido com ela antes. No dia seguinte, a anciã conduziu a princesa e sua dama de companhia até a pedra de moinho do caminho. Ali esperaram até que o burro com os alforjes de ouro apareceu e foram com ele para baixo da terra.

No início estava escuro ao redor delas, mas logo viram o campo brilhando à luz do sol e no campo um palácio. No lugar muitas mãos estavam trabalhando muito abrindo portas, servindo convidados, mas não podiam ver a quem pertenciam aquelas mãos. Então a anciã, a princesa e a dama andaram por todo o palácio e em nenhum lugar conseguiram ver uma alma vivente. Quando entraram na última habitação, as três gritaram de susto, pois ai estava uma figura morta, metade lebre, metade homem.

O coração da princesa ficou cheio de compaixão pela figura morta, tão abandonada, sem uma única flor, vela ou uma oração pela salvação da sua alma. Ela se aproximou, tirou uma flor do seu cinto e colocou-a sobre o peito da criatura, acendeu uma vela e se ajoelhou para fazer uma reza. De repente, quando somente havia pronunciado a primeira palavra, o corpo se moveu voltando à vida; e na sua frente estava um jovem e belo príncipe que, levantando a cabeça, olhou nos seus olhos.

Com o príncipe o palácio todo voltou à vida. Por todos lados iam e vinham pessoas muito atarefadas. O príncipe lebre se ajoelhou perante a princesa e lhe disse:

"Obrigado, bela jovem! Com a flor, a vela e sua oração quebraste o malvado encantamento que caia sobre mim e todo meu reino. Como posso te recompensar?" Então a levou por todo o palácio e mostrou todos os tesouros, falando que podia pegar o que mais lhe agradasse.

A princesa não tinha visto tal riqueza nem no palácio do seu pai, mas nada do que viu ela queria como queria ao próprio jovem príncipe. Ficou deslumbrada pelas maravilhosas habitações e salões que estavam agora cheios de serventes e cortesãos.

"Por que estão tão atarefados, príncipe?" perguntou.

"Estão preparando tudo para meu casamento, respondeu o príncipe com tristeza. Então a princesa também sentiu como se um punhal a machucasse, pois seu coração havia sido tocado por este belo jovem.

O príncipe continuou:

"Tu és a mais doce das jovens, mas está escrito nas estrelas que depois que fosse quebrado meu encantamento teria que me casar com aquela com a qual estou

comprometido pelo destino e quando olho nos teus olhos, desejaria que não fosse assim".

"Quem então tem que se casar contigo?" perguntou a princesa sentindo novamente como que seu coração se desgarrava de tristeza.

"Tenho que me casar com aquela a qual estive amarrado por três vezes enquanto estive encantado", respondeu o príncipe.

"Mas tu estiveste amarrado três vezes a mim!", exclamou a princesa alegremente.

"Eu te tive amarrado com uma fita, um lencinho e com meu cinto".

"Então, tu serás minha esposa?!", gritou o príncipe feliz.

Cheia de alegria, a princesa ofereceu-lhe sua mão e seu coração. O príncipe lebre tomou sua mão e, caindo de joelhos, lhe prometeu todo seu amor. Três dias depois, a boda foi celebrada e, desde esse momento, o jovem casal viveu feliz e contente no palácio do príncipe. A princesa não teve que sofrer nunca mais dores e tristezas por ter comprado a cesta de flores. A anciã permaneceu com eles e eles a amavam muito, pois ela lhes havia trazido a felicidade.

Um dia, a anciã quis voltar ao local onde nasceu. Desejava ver de novo seu pobre campo e a sua irmã. O príncipe e a princesa tentaram persuadi-la para que ficasse com eles, porém vendo as saudades que ela tinha, enviaram-na a sua casa com uma carruagem dourada cheia de presentes.

Contribuição: professora Ana Cairello

Fonte : ANO XXIV - Nº 1 - BOLETIM DA ESCOLA WALDORF ANABÁ -PÁSCOA - 2014





## O BURRINHO - IRMÃOS GRIMM

Houve, uma vez, um rei e uma rainha imensamente ricos, que possuíam tudo o que desejavam, só não tinham filhos. A rainha lamentava-se dia e noite, dizendo sempre:

"Sou como um terreno estéril, que não produz nada."

Finalmente, o bom Deus apiedou-se dela e realizou a sua aspiração; ela notou que teria um filho e ficou muito contente. Mas, quando a criança veio ao mundo, qual não foi o seu espanto ao ver que ela não tinha aspecto humano e sim o aspecto de um burrinho!

Então a rainha passou a lastimar-se mais ainda, dizendo que antes preferia não ter filho algum do que ter esse burrinho. Mandou que o jogassem na água para que os peixes o devorassem, pois não queria mais vê-lo. O rei, porém, exclamou:

- Não; isso não! Deus no-lo deu e ele será meu filho e meu herdeiro; quando eu morrer, sentar-se-á no trono e será coroado rei.

Assim, pois, o burrinho foi criado. Conforme ia crescendo, cresciam-lhe, simultaneamente, as orelhas, compridas e direitas. Quanto ao mais, era de índole alegre; corria e brincava o dia todo e tinha uma especial inclinação para a música; tanto assim que procurou um músico famoso em todo o reino e disse-lhe:

- Ensina-me a tua arte, quero aprender a tocar o alaúde tão bem como tu.

- Ah, caro príncipezinho, - respondeu o músico, - ser-vos-á muito difícil tocar; vossos dedos não foram feitos para isso, são demasiadamente grossos, e temo que as cordas não resistam.

Contudo, de nada serviram as desculpas; o burrinho encasquetou que devia aprender a tocar alaúde e o músico teve de ensinar-lhe. Ele aplicou-se com tanto empenho, que acabou por tocar tão bem ou melhor que o seu mestre.

Um dia, o príncipezinho estava passeando, muito pensativo, pelo parque e chegou até onde jorrava uma límpida fonte; contemplou-se na água cristalina como espelho e viu refletir-se nela a imagem de um burrinho. Ficou tão amargurado com isso que resolveu sair e andar pelo mundo onde não fosse conhecido. Assim, acompanhado por um companheiro muito fiel, deixou o palácio e partiu.

Perambularam os dois de um lado para outro, até que foram dar a um reino distante, governado por um velho rei, que tinha uma única filha, linda como um sonho. O burrinho, então, disse ao companheiro:

- Vamos ficar por aqui!

Chegou ao portão do castelo e bateu, gritando:

- Está aqui um hóspede, abri, por favor, deixai-me entrar!

Mas, como ninguém viesse abrir-lhe o portão, ele sentou-se, tomou o alaúde e, com as patas dianteiras, pôs-se a tocar. Tocava tão maravilhosamente, que o guardião do castelo arregalou os olhos de espanto e correu contar ao rei:

- Majestade, está aí no portão um burrinho que toca alaúde tão bem como o melhor dos mestres.

- Manda-o entrar! - disse o rei.

Quando o burrinho chegou ao salão onde a corte estava reunida, todos desataram a rir vendo aquele estranho tocador de alaúde. Em seguida, mandaram que fosse jantar junto com os criados; mas ele protestou, dizendo:

- Não sou um vulgar burrinho, nascido numa cocheira; sou de origem nobre.

- Então, vai sentar-te com os soldados, - disseram-lhe.

- Também não, - respondeu ele; - quero sentar- me ao lado do rei.

- O velho rei achou divertida a sua pretensão e, rindo-se muito, disse-lhe:

- Pois, burrinho, seja feita a tua vontade; vem cá para perto de mim.

Durante a refeição, o rei perguntou-lhe:

- Que tal achas a minha filha?

O burrinho volveu a cabeça para o lado dela e, após contemplá-la um pouco, disse:

- É tão linda, como nunca vi outra igual.

- Bem, bem; - disse o rei divertido - vai sentar-te um pouco ao lado dela.

- Com o maior prazer! - disse o burrinho.

Sentou-se perto da princesa, comeu e bebeu delicadamente, comportando-se como verdadeiro fidalgo.

O nobre animalzinho passou bastante tempo na corte mas, por fim, pensou consigo mesmo:

"O que me adianta isto tudo? Acho bem melhor voltar para a casa de meus pais!"

De cabeça tristemente curvada, foi apresentar-se ao rei a fim de se despedir.

Mas o rei, que se afeiçoara muito a ele, disse-lhe:

- Que tens, meu caro burrinho? Estás com uma cara tão azeda como o vinagre.

- Quero ir-me embora; - respondeu ele.

- Ah, fica aqui comigo; terás de mim tudo o queiras, não te vás. Queres algum ouro?

- Não! - respondeu o burrinho sacudindo a cabeça.

- Queres joias ou outros objetos preciosos?

- Não!  
- Queres a metade do meu reino?  
- Ah!, não, não!  
O rei, meio desanimado, perguntou por fim:  
- Se ao menos eu soubesse o que te faria feliz! Queres casar com minha filha?  
- Ah, sim, sim! - exclamou jubiloso o burrinho. - Como seria feliz se ela fosse minha!

E logo voltou ao seu costumeiro bom humor e alegria; pois era justamente isso o que ele mais desejava.

Passados alguns dias, realizou-se no palácio a festa nupcial com a maior pompa deste mundo.

A noite, depois da festa, quando os noivos se retiraram para o quarto, o rei ficou muito curioso por saber se o burrinho se comportaria com a gentileza de sempre; ordenou, pois, a um dos seus criados que se ocultasse no quarto para ver o que se passava.

O burrinho, logo que entrou no quarto, aferrolhou bem a porta, inspecionou todos os cantos e, tendo-se certificado de que estava só com a noiva, sacudiu a pele de burro que o recobria todo, apresentando-se diante dela como um jovem belíssimo e de sangue real.

- Olha quem sou eu! - disse ele. - Certamente não sou menos digno e nobre do que tu.

A noiva, imensamente feliz, abraçou-o e beijou-o com grande ternura, mas, assim que amanheceu, ele pulou da cama, vestiu novamente a pele de burro e ninguém podia imaginar quem se ocultava dentro dela.

Pouco depois, chegou o rei.

- Olá! - exclamou: - o burrinho já se levantou! - e dirigindo-se à filha:  
- Estás muito triste por não teres um homem como os demais por esposo?  
- Oh, não, meu querido pai! Amo meu esposo como se fosse o homem mais belo do mundo e hei de conservá-lo por toda a vida.

O rei ficou grandemente admirado com essa resposta; mas o criado, que ficara escondido no quarto, contou-lhe tudo o que vira. O rei, porém, disse:

- Nunca poderei acreditar numa coisa destas!

- Pois, então, ficai vós mesmo de guarda no quarto nesta próxima noite; assim tereis ocasião de ver com vossos próprios olhos. E sabeis que mais, Majestade? Aconselho-vos a furtar a pele e jogá-la no fogo; assim ele será obrigado a apresentar-se sob seu verdadeiro aspecto.

- É uma excelente ideia a tua! - disse o rei.

Naquela noite, enquanto o casal eslava dormindo, o rei entrou furtivamente no quarto, aproximou-se pé ante pé do leito e com a claridade do luar, conseguiu ver ali adormecido um esplêndido jovem. No chão, ao lado da cama, estava largada a horrível pele de burro. O rei apanhou-a, levou-a para fora, mandou acender um grande fogo e, em seguida, jogou-a no meio das chamas, ficando a olhar até que ela

se consumiu toda, reduzindo-se a cinzas. Mas, curioso por saber qual seria a reação da vítima do roubo, ficou velando a noite inteira, com o ouvido colado à porta do quarto.

Ao clarear do dia, tendo já dormido suficientemente, o rapaz levantou-se e procurou a pele para vestir e não a encontrou. Então ficou apavorado e disse, com voz repassada de tristeza e aflição:

- Agora tenho que fugir daqui!

Mas, quando ia saindo do quarto, encontrou-se diante do rei, o qual lhe disse:

- Aonde vais com tanta pressa, meu filho? Que queres fazer? Fica aqui conosco; és um rapaz tão bonito! Agora não podes deixar-nos; vou dar-te a metade do meu reino e, após a minha morte, o herdará todo.

- Deus queira que tudo isto termine tão bem como começou! Respondeu o jovem: "Pois bem, ficarei convosco".

O velho rei entregou-lhe a metade do reino e, passados seis meses, quando ele veio a falecer, o príncipe herdou tudo.

Algum tempo depois, faleceu também, o pai, do qual era herdeiro único; assim ele ficou com mais um reino e viveu, magnificamente, durante muitos anos.

Fonte: [https://www.grimmsstories.com/pt/grimmm\\_contos/o\\_burrinho](https://www.grimmsstories.com/pt/grimmm_contos/o_burrinho)





## O COELHO DA PÁSCOA (CONTO RUSSO)

*(Conto russo recontado por Christa Glass)*

Era uma vez um pai coelho de Páscoa e uma mãe coelha de Páscoa que tinham sete filhos. Ao aproximar-se a época da Páscoa, eles resolveram testar os coelhinhos para ver qual deles era o verdadeiro "coelho de Páscoa".

A mãe pegou uma cesta com sete ovos e pediu para que cada filho escolhesse um para esconder.

O mais velho pegou o ovo dourado e saiu correndo por campos e montes até chegar ao portão da escola, mas deu então um salto tão grande e tão apressado que caiu de mau jeito quebrando o ovo. Esse não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O segundo escolheu o ovo prateado e pôs-se a caminho. Ao passar pelos campos encontrou a raposa. Esta queria comer o ovo e pediu-o ao Coelho. Ele não lhe quis dar. A raposa prometeu-lhe então uma moeda de ouro, conseguindo assim que o coelho a seguisse até sua toca. Chegando lá, a raposa escondeu o ovo e, com cara feia, mostrou os dentes como se quisesse comer o assustado coelhinho que saiu correndo o mais que pôde. Esse também não era o coelho de Páscoa.

O terceiro escolheu o ovo vermelho e pôs-se a caminho. Ao atravessar o campo encontrou-se com outro coelho e pensou:

"Ainda tenho muito tempo. Vou lutar um pouco com ele". Os dois coelhos lutaram e rolaram tanto pelo chão que amassaram o ovo. Também esse não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O quarto pegou o ovo verde e pôs-se a caminho. Quando passava pela floresta ouviu o chamado da Pega (1) que, pousada no galho de uma árvore, gritava:

"Cuidado! A raposa vem vindo!".

O coelho assustado olhou à sua volta procurando um lugar para esconder o ovo.

- "Dá-me o ovo que eu o esconderei em meu ninho", disse a Pega. O coelho deu-lhe o ovo mas, percebendo que não havia raposa alguma quis o ovo de volta. A Pega respondeu maldosamente:

"O ovo está muito bem guardado no meu ninho. Vem buscá-lo se quiseres". Esse também não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O próximo escolheu o ovo cinzento. Quando ia andando pelo caminho chegou a um riacho. Ao passar pela ponte viu-se espelhado nas águas. Ficou tão encantado

com sua própria imagem que se descuidou do ovo indo este se espatifar numa pedra. Esse também não era o coelho de Páscoa.

O outro coelhinho escolheu o ovo de chocolate e pôs-se a caminho. Encontrou-se com o esquilo que lhe pediu para dar uma lambida no ovo.

- "Mas este ovo é para as crianças", disse o coelho.

O esquilo insistiu tanto que o coelho deixou que ele desse uma lambida no ovo. O esquilo achou-o tão gostoso que o coelhinho resolveu dar também uma lambidinha. Lambida vai, lambida vem, os dois acabaram comendo o ovo. Esse também não era o coelho de Páscoa.

Chegou então a vez do mais jovem. Ele escolheu o ovo azul. Quando passou pelo campo, veio-lhe ao encontro a raposa, mas o coelho não entrou na conversa dela e continuou o seu caminho. Mais adiante encontrou o outro coelhinho que queria lutar com ele, mas ele não parou. Continuou caminhando até chegar à floresta. Ouviu os gritos da pega:

- "Cuidado! A raposa vem vindo!". O coelho não se deixou enganar e continuou seu caminho. Chegou então ao riacho e cuidadosamente atravessou a ponte sem olhar para sua imagem refletida na água. Encontrou-se mais adiante com o esquilo mas não lhe permitiu lamber o ovo, pois este era para as crianças.

Chegou assim até o portão da escola. Deu um salto nem curto nem longo demais, chegando ao outro lado sem danificar o ovo. Procurou um esconderijo adequado no jardim da escola onde guardou cuidadosamente o ovo. Esse era o verdadeiro "Coelho de Páscoa"!

(1) Ave que vive na Europa e que leva objetos cintilantes para seu ninho

Fonte:<http://www.festascristas.com.br/pascoa/pascoa-historias/505-o-coelho-da-pascoa>





## A LUA DA PÁSCOA

(História do hemisfério norte)

Depois que a primavera começa os dias se tornam mais longos que as noites, mas lá fora ainda faz frio.

Uma pequena lebre que vivia na floresta também o sentia. Numa certa manhã a lebrezinha acordou e sentiu tanto frio que lhe arrepiava os pelos. Foi até sua mãe, que remexia tintas de cores e lhe disse:

"Estou tremendo de frio!, quando vai ficar mais quente?"

"Falta pouco, espera até que chegue a Páscoa" respondeu-lhe a mãe".

"Quando chegará a Páscoa?" perguntou a lebrezinha.

A mãe lhe disse:

"Quando a Lua cheia,  
Redonda como o Sol, no céu passeia,  
Na Terra tudo se aquece  
E de novo a Páscoa acontece!"

O pai da lebrezinha estava sentado ao lado de fora da madrigueira, debaixo de um arbusto e com uma pena delicada pintava ovos coloridos. A lebrezinha saltitou até ele e disse: "Que ovinhos lindos! Por que você está pintando assim?"

O pai respondeu:

"São para a Páscoa e logo os esconderemos para que as crianças os encontrem"

"Ah, eu quero ajudar também, mas quando chega a Páscoa?", perguntou de novo a lebrezinha.

O pai lhe respondeu:

"Quando a Lua cheia,  
Redonda como o Sol, no céu passeia,  
Na Terra tudo se aquece  
E de novo a Páscoa acontece!"

Em outras noites a jovem lebre já havia observado a lua e havia percebido que ela nem sempre aparece igual no céu. A lebrezinha afastou-se da entrada de sua

madrigueira, curiosa para ver a lua. Saltando pelas folhas secas que cobriam o chão da floresta encontrou o ouriço.

O pequeno animal se assustou, pois recém saía de sua toca depois do longo inverno e ao reconhecer a lebre perguntou:

'Que frio ainda está fazendo! Você sabe quando vai começar a esquentar?"

Desta vez foi a lebrezinha quem respondeu:

"Quando a Páscoa chegar, o calor vai voltar!"

"Mas quando é que chega a Páscoa ? " Tornou a perguntar o ouriço, e a lebrezinha lhe respondeu antes de seguir seu caminho:

Quando a Lua cheia,

Redonda como o Sol, no céu passeia,

Na terra tudo se aquece

E de novo a Páscoa acontece!"

A lebre encontrou o Cuco, que havia passado o inverno num lugar mais quente e estava de volta à floresta. Em cima de um galho ele piava:

"Acho que voltei cedo demais!"

"Você sabe lebre, quando é que chega a Páscoa?"

E a pequena lebre contou o que sabia:

"Quando a lua cheia,

Redonda como o sol, no céu passeia,

Na terra tudo se aquece

E de novo a Páscoa acontece!"

Era já o fim da tarde quando a lebrezinha chegou à borda da floresta. Pode ver ainda o sol se esconder atrás das montanhas. Saltou pelo campo e olhando para o céu procurou a lua. Por mais que procurasse não a encontrou em nenhum lugar. Só quando ficou bem escuro é que ela viu a delgada lua minguante brilhando como prata. Naquele momento passou por ali uma coruja:

"O que é que você faz aqui? Já não é a hora de lebres estarem dormindo?"

A pequena lebre lhe respondeu:

"Eu quero ver quando a lua fica redonda."

A coruja disse lhe então:

"Hu-hu, esta noite ela não ficará redonda, amanhã também não...Por que você quer vê-la?"

"Porque eu quero saber quando chega a Páscoa" respondeu a lebre e acrescentou;

"Quando a lua cheia,

Redonda como o sol, no céu passeia,

Na terra tudo se aquece

E de novo a Páscoa acontece!"

"Demora ainda alguns dias até que surja a lua cheia. Cada noite ela fica um pouco maior", informou a coruja.

A lebrezinha agradeceu e se despediu da ave noturna, retornando assim para a madrigueira. Na noite seguinte ela retornou ao campo para observar e percebeu que a coruja tinha razão. Cada noite a lua aparecia maior e maior, até que finalmente ela surgiu bem redonda no céu. A pequena lebre saltou cheia de alegria de volta à casa e gritou: "Hoje a lua está redonda como o Sol! A Páscoa chegou?"

"Sim", respondeu -lhe o pai e agora as lebres e coelhos tem muito trabalho a fazer. Também as crianças esperaram bastante por esse dia! Agora você pode ajudar-nos a esconder os ovinhos".

Cristiane Kutik



### O COELHINHO

Antigamente, por sobre os altos muros de ameias da cidade de Jerusalém, ainda brilhavam na paisagem os ornatos dourados do templo. Havia então um coelhinho que tinha sua toca em um morro, além dos muros de Jerusalém. Vivia contente e feliz, pois ao redor do morro, havia um belo jardim onde crescia tudo que o coelhinho precisava para comer. Só uma coisa faltava a esse coelhinho: a visão, pois era cego; uma doença cruel tinha apagado a luz de seus olhos desde o nascimento. Mas Deus o protegia, de modo que nunca uma ave de rapina ou uma raposa do deserto chegou perto dele, quando saltava pelo jardim para achar sua comida. Conhecia todas as plantas e pedras do lugar e sempre achava o caminho de volta para a sua toca. Certa noite, no fim do dia, estava o coelho sentado entre as ervas do jardim. Já estava bem escuro, embora o Sol ainda não tivesse posto. É evidente que o coelhinho não podia ver a escuridão; mas ouviu os três toques de corneta que anunciava o Sabá, o dia santo dos judeus de Jerusalém. De repente ouviu passos no jardim, uns passos arrastados e lentos, de gente carregando algo bem pesado. O coelho não podia ver o que era isso. José de Arimatéia, Nicodemos, Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus, estavam chegando, trazendo para o jardim o corpo de Jesus que havia morrido crucificado. Porque nesse jardim havia um túmulo, cavado nas rochas do morro, onde ninguém havia sido enterrado antes. E foi lá que eles depuseram Jesus. Pouco depois, o coelhinho escutou curtos passos, agora

fortes e apressados; eram os soldados que vinham tomar conta do túmulo. O coelho fugiu para sua toca mais que depressa, pois teve medo de suas vozes ruidosas e do barulho de suas armas. Duas manhãs após, o coelhinho acordou com uma música maravilhosa. É verdade que todas as manhãs ouvia a música do Sol nascendo, mas naquele dia a música era especialmente linda e misturava-se com o canto dos passarinhos no jardim, como nunca antes. O coelhinho botou a cabeça para fora do buraco, farejando e escutando. Aí, de repente, um dos soldados que ali dormia, roncou bem forte e se remexeu, sacudindo as correntes de sua couraça. Assustado, nosso coelhinho voltou depressa para dentro de sua toca. Mas o pior ainda estava por acontecer, pois de repente, a terra toda estremeceu, como se quisesse acordar de seu sono antigo, de mil anos! O coelhinho saiu correndo para o capim, apavorado e também os soldados fugiram correndo. Todo trêmulo sentado na grama alta, entre flores, ficou o coelhinho, nem sabemos por quanto tempo. Finalmente escutou de novo passos e, depois, uma voz tão bela e suave como nunca ouvira, que assim dizia:

"Mulher, por que estás chorando? Quem procura?". Depois uma mulher respondeu:

"Senhor, deves ser o jardineiro deste lugar, então me diga onde O colocou, para eu buscá-lo".

A mulher era Maria Madalena e tinha ido ao túmulo depois do estremecimento da terra, mas não achava o corpo de Jesus lá, por isso estava chorando. De novo a voz suave falou, dizendo: "Maria". Então Maria Madalena percebeu que Aquele não era o jardineiro, mas sim Jesus que havia ressuscitado. Ela exclamou: "Rabbi!", que na língua dos judeus quer dizer: "Mestre!". E mais uma vez lágrimas ardentes desceram pelo rosto de Maria Madalena. Essas lágrimas caíram direto no coelho que tinha estado todo o tempo ali sentado, sem se mexer, ouvindo tudo, as lágrimas foram cair nos seus olhinhos doentes e, naquele momento, ele começou a enxergar. Ali estava Jesus, em pé, radiante como o Sol e, ao mesmo tempo, luminoso de um modo tão suave como uma alva pétala de flor; e também a mulher. Jesus inclinou-se para o coelhinho, abençoou-o e disse-lhe: "Bom bichinho, de agora em diante você irá levar a alegria da Páscoa a todas as pessoas, mas principalmente às crianças". Depois Ele disse a Maria: "Vá agora Maria e diga a Pedro o que aqui aconteceu". E assim foi. E foi assim que o coelho ficou sendo o COELHINHO DA PÁSCOA.



## A BORBOLETA

(Um conto de Jakob Streit - Tradução Leonore Bertalot)

"Havia uma vez uma borboleta que voava com asas cansadas sobre um prado. Uma fria garoa pingava do céu, molhando-lhe a veste colorida. Sentiu suas asas pesadas e pousou entre as folhas da grama. O pó de suas asas tinha sido levado pela água. Por mais de uma vez ela tentou levantar voo, mas sem sucesso. Mais tarde, foi até uma plantinha de folhas largas e debaixo de uma delas, depositou alguns ovinhos branquinhos, bem pequenininhos. Como as asas fracas já não a carregavam, ela as dobrou e ficou quieta, sonhando com flores e com raios de sol. Veio a chuva e a borboleta morreu com o vento frio do anoitecer. Os ovinhos que foram colocados no coração quente da Mãe Terra foram bem cuidados. De dia, o sol lhes enviava seu calor e à noite, o calor da terra os envolvia. A folha larga os protegia da chuva. A luz da vida da velha borboleta havia se apagado; porém, em cada ovinho que ela havia botado, brilhava uma faísca de vida.

Depois de alguns dias, algo começou a se mexer dentro da pele delicada e um raio de sol que brincava com a folha, percebendo a nova vida nos ovinhos, chamou:

- Venha para fora, venha para fora!

O ovinho se mexeu, a pele rasgou e saiu uma pequena lagarta, amarelinha, de pele sedosa e com pintinhas escuras. Arrastou-se até a folha verde, que se tornou seu jardim, sua mesa, sua casa. Ela gostou de beliscar as bordas da folha e quando esta já estava bem esburacada, o raio de sol lhe cantou:

- Continue a ir pelo verde mundo.

E, assim, a lagartinha foi rastejando de planta em planta e, depois de uma semana, já era uma lagarta grande, com pelinhos nas costas. O verão estava chegando ao fim e o vento do outono trouxe dias frescos. Então, o raio de sol disse para a lagarta:

- Procure um lugar quieto, um quartinho quente para descansar. Entre pedras e folhas, vagarosa, a lagarta desceu para se entregar à Mãe Terra. A escuridão a assustou e ela cochichou:

- Mãe Terra acolhei-me! O sol mandou-me abandonar o mundo verde.

Fundo, surgiu a voz consoladora da Mãe Terra:

- "Não fique triste por haver perdido o mundo verde, minha filha, o raio de sol lhe deu um bom conselho. Fique comigo, tire essa veste encolhida e velha. Durma, querida, as minhas fadas querem tecer lindos sonhos para você."

Quando a lagarta abandonou sua veste, teve uma sensação estranha. Sua pele endureceu. Ela se sentiu presa, ficou com medo de morrer asfixiada e queria chamar por socorro. Mas já tinha caído num sono profundo como a morte. A sua pele se tornou um caixão duro, lenhoso. Enquanto passava o inverno e do céu da noite choviam estrelas cadentes, aconteceu um milagre no casulo da lagarta. Com mãos misteriosas, as fadas teceram uma veste celestial no túmulo escuro. Teceram o brilho das estrelas e as cores escuras do arco-íris nos delicados fios da roupa nova. Com a primavera, a terra esquentou e nos campos o sol abriu as flores para a luz. O casulo na terra se abriu.

Do túmulo da lagarta acordou uma borboleta. Com passo leve, saiu entre as pedras em direção à luz que cantava:

- Venha conosco, venha conosco! - Era o canto das flores que chamava sua irmã: a borboleta!

Fonte: jornal Bem Viver outono de 2010



## O COELHINHO E O PÉ DE CACAU

### CONTO DE RUTH SALLÉS

De como um coelhinho, e outros bichinhos, fizeram para Jesus ovos de chocolate...na Páscoa!

No tempo em que Jesus, o Filho de Deus, andava ainda aqui na terra, achou-se Ele num vasto campo em pleno domingo de Páscoa. Sentindo fome, viu que nada havia ali que pudesse comer. Nisto, passou pulando um coelhinho, que corria e parava, corria e parava, abanando as orelhas e fuçando a terra, em busca de alguma cenoura dourada. Jesus, vendo-o, chamou:

- Coelhinho amigo, não tem você um ou dois ovos com que eu possa saciar minha fome? Andei muito, e meus pés estão cansados - disse e sentou-se numa pedra que ali havia.

O coelhinho, admirado com o esplendor da figura do divino Mestre, respondeu:

- Ah, Senhor, eu não ponho ovos, mas vou até o bosque bem depressa e logo lhe trago alguns.

E lá se foi apressado em direção aos primeiros arbustos. Encontrando então uma corça, que mastigava umas folhinhas macias, perguntou:

- Ó linda corça, você não tem aí uns ovos com que o Senhor Jesus possa saciar sua fome?

- Ah, coelhinho - respondeu a corça - eu não ponho ovos, mas corra pelo bosque adentro que você com certeza os encontrará.

O coelhinho embrenhou-se na mata, arranhou-se nos espinhos, tropeçou nas pedras, escorregou no limo, mas não esmoreceu. Perguntou daqui, perguntou dali, ao rato-do-campo, ao esquilo, à raposa, a uma vaquinha que pastava na orla do fim do bosque, até à minhoca saltadeira e fujona, mas a resposta era sempre a mesma. Ninguém tinha ovos para oferecer. Com as aves ele não pôde falar, tão alto elas voavam; com os peixes também não, tão fundo eles nadavam no rio que cortava a mata. O coelhinho estava já desanimado e aflito quando, de repente, deparou com uma arvorezinha cheia de ovos pendurados em seus ramos. Eram uns ovos marrons, cascudos, mas assim mesmo o coelhinho encheu-se de coragem e exclamou:

- Ó árvore amiga, o divino Jesus me pediu uns ovos para saciar sua fome. Você me pode dar os seus, para que eu os leve até ele?

A arvorezinha achou tanta graça que começou a rir, farfalhando as folhas, rangendo as raízes, balançando os galhos, até que seus ovos marrons bateram uns de encontro aos outros, fazendo "cloc, cloc, cloc".

- Mas, coelhinho - ela disse - eu não ponho ovos!

- E esses aí que você leva nos braços?

- Ah, estes são meus frutos. Eu sou um pé de cacau, e cada ovo que você pensa ver é apenas um cacau.

- Oh! - disse o coelhinho, muito triste. - Que farei agora? Nenhum animal do bosque tem ovos para oferecer. Com as aves não pude falar, tão alto que voavam. Com os peixes também não, tão fundo eles nadavam no rio.

- Ora, não se aflija - disse a árvore. - Havemos de dar um jeito. Já que você quis meus frutos, eu os darei.

Assim disse; e sacudiu com tanta força e energia seus ramos, que os cacauzinhos caíram na terra.

- Agora - ela continuou - corra a chamar todos os animais que puder, e eu lhes ensinarei a fazer uma mistura dentro dos meus frutos.

Num instante, ali se reuniram muitos animais do bosque e, ouvindo os ensinamentos da árvore amiga, cozinharam e moeram as sementes do cacau, misturando mel, baunilha e quanta coisa mais, fazendo assim, pela primeira vez na terra, o chocolate. Depois, meteram essa massa de novo dentro dos frutos. A árvore, então, estendeu para o céu seus ramos mais leves e apanhou coloridos raios de sol, com que os animaizinhos pintaram a grossa casca de cada cacau. Os peixes, subindo à tona d'água e vendo o que se passava, sacudiram suas brilhantes escamas e salpicaram de luz prateada todos os ovos. Os passarinhos, olhando aquela cena, desceram das alturas, apanharam quantos gravetos encontraram e teceram um lindo cesto, onde foram postos os ovos coloridos. Depois, com a ajuda de todos, o cesto foi amarrado nas costas do coelhinho e enfeitado com folhas e flores de muitas árvores.

- Obrigado! - exclamou o coelhinho. - Obrigado a todos!

E saiu correndo feliz pelo bosque afora, até chegar aos pés de Jesus. Este sorriu com muito amor e agradeceu, afagando-lhe as orelhas pontudas.

O coelhinho, que não cabia em si de contente, corria e pulava ao redor do Mestre, e tanta algazarra fez que atraiu uma porção de crianças, filhas dos camponeses que trabalhavam naquele campo. Com elas o divino Mestre repartiu os ovos coloridos, enquanto o coelhinho, arrebitando as orelhas, pensava:

- Como foi difícil procurar esses ovos pelo bosque adentro... Mas valeu a pena! Quando eu pensei que tudo estivesse perdido, tudo foi conseguido.

Fonte: <https://www.institutoruthsalles.com.br/o-coelhinho-e-o-pa-de-cacau/>

